

Rendeiras da Vila: resgate cultural e da cidadania através do trabalho artesanal cooperativo

André Luís da Silva (Curso de Engenharia de Produção - UFRN) oslocp2@yahoo.com.br
André Moraes Gurgel (Curso de Engenharia de Produção - UFRN) andregurgel@digizap.com.br
Jeobson Lopes da Silva (Curso de Engenharia de Produção - UFRN) jeobsonlopes@yahoo.com.br
Saulo de Tarso Alves Dantas (Curso de Engenharia de Produção - UFRN) sanus@oi.com.br
Moizes Martins Junior (Mestrando de Engenharia de Produção - UFRN) cosh@ig.com.br
Maria Christine Werba Saldanha (Departam. de Engenharia de Produção - UFRN) cwerba@terra.com.br

Resumo

O presente artigo versa sobre o modo de organização do trabalho artesanal cooperativo. Para o desenvolvimento do trabalho fez-se o estudo de caso em uma cooperativa que se denomina Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra. O objetivo deste estudo de caso é analisar a organização do trabalho na cooperativa de rendeiras e os seus resultados, tanto no que se refere a produção e a qualidade como também com relação aos efeitos ou conseqüências do trabalho sobre as pessoas. Para tanto, realizamos ação conversacional, observamos as atividades de trabalho, fotografamos e filmamos as situações de trabalho. Palavras-chave: Cooperativismo; Organização do trabalho, Ergonomia, Rendeiras;

1. Introdução

O estudo foi realizado no Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra. Cooperativa criada em 1998, com o intuito de reunir e de evitar a extinção da arte da renda de bilros. A origem da renda de bilros é da Itália do século XV. Da Itália a renda de bilro “invadiu” a corte francesa com seus desenhos delicados e foi trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses. A arte é praticada em muitos estados brasileiros, situados em distintas regiões, como Piauí, Pernambuco, Santa Catarina e Rio Grande do Norte, sendo considerada uma atividade importante no nordeste do Brasil.

O objetivo do estudo é analisar a organização do trabalho na cooperativa e as atividades de concepção à comercialização, os benefícios sociais resultantes e avaliar as possíveis melhorias que um engenheiro de produção pode implementar sem modificar a forma de organização do trabalho adotada. Caracteriza-se como um estudo de caso. Os dados foram obtidos através da observação do trabalho e da ação conversacional. Utilizamos ainda, fotografias e filmagens das situações de trabalho.

O desenvolvimento de pesquisas junto a esta cooperativa se justifica pela importância da atividade das rendeiras da Vila de Ponta Negra e pela necessidade de preservação dessa cultura em risco de extinção na região, o que seria uma grande perda tanto em relação aos aspectos culturais quanto do desenvolvimento sustentável e resgate a cidadania.

2. Referencial Teórico

O *Conselho Mundial do Artesanato* define como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. O artesanato tradicional é, portanto, o conjunto de artefatos expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados a sua vida cotidiana. Sua produção é, em

geral, de origem familiar ou de pequenos grupos que vivem em um mesmo território, o que favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositário de um passado, de acompanhar histórias e tradições transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo.

A produção artesanal tem como uma das suas principais características o domínio do artesão sobre o produto e processo produtivo. Caracterizando-se pela participação e controle do artesão em todas as fases do processo, não existindo a separação entre o trabalho manual e o intelectual, nem o parcelamento do trabalho, gerando um alto grau de satisfação e identificação com o produto. Outras características são: produção em pequenos locais (oficinas do mestre artesão ou em sua própria casa), baixa produtividade, produção personalizada ou em pequenos lotes. O aprendizado é transmitido de maneira predominantemente prática, o mestre artesão trabalha junto com o aprendiz em hierarquia linear (mestre – companheiro – aprendiz), possibilitando, desta forma uma ascensão.

O modo de organização artesanal cooperativo possui as mesmas características do modo artesanal individual com mais algumas características próprias. Essas características estão relacionadas ao fato de concentrar um determinado número de pessoas com um mesmo objetivo em um mesmo local, surgindo assim algumas atividades gerenciais, que são desenvolvidas pelos próprios artesões, tais como a compra de matéria-prima, o compartilhamento de instrumentos e a comercialização, resultando na redução de custos e favorecendo a cooperação entre as pessoas.

Cooperativa, segundo o conceito do cooperativismo, é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante.

3. Desenvolvimento

3.1 Vila de Ponta Negra e a Cooperativa de Rendeiras

A Vila de Ponta Negra, antes de ser dos turistas e dos pescadores foi um enorme conglomerado agrícola. A população praticava cultura de subsistência, plantando milho, feijão, mandioca e produzindo carvão. Três casas de farinha concentravam a produção, reunindo famílias em cantigas, danças e cooperativismo. A primeira grande transformação da vila foi à mudança no meio de subsistência. Durante o primeiro governo de Aluísio Alves, de 1960, houve a destruição das plantações. Existem relatos atestando que homens e mulheres chegaram a adoecer e mesmo a morrer pelo desgosto de ver sua terra ameaçada e destruída.

Depois de transformar-se em vila de pescadores e perder as práticas de cultura agrícola, os moradores passaram trabalhar com o comércio, surgindo os barraqueiros. Ponta Negra se transforma em bairro integrando o roteiro turístico de Natal. Cresce vertiginosamente e concentrando em sua área hotéis, pousadas, flats, bares e restaurantes e, destacando-se também pelo elevado índice de prostituição.

A renda de bilro está presente na Vila desde seus primórdios, no entanto, com as transformações sobre o bairro houve a diminuição da prática da atividade. A iniciativa de formar a cooperativa partiu do filho de uma rendeira com o objetivo de resgatar uma arte que

estava em vias de extinção. O primeiro passo, foi convidar um grupo de amigas, que já faziam trabalhos de renda de bilro em suas casas, para trabalharem no mesmo local, e de forma cooperativa. Foi criado assim, no dia 26 de abril de 1998, o Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra, conforme se autodenominam. O local escolhido para a realização dos trabalhos foi a varanda da casa da presidente, que está localizada no centro da vila ao lado da igreja. Um local pequeno e adaptado, mas que atende as necessidades demandadas. Convém salientar, que não se trata de uma cooperativa oficial nos moldes do cooperativismo.

3.2. Rendeiras da Vila

A cooperativa conta com treze rendeiras, sendo três aprendizes, todas do sexo feminino. De acordo com as rendeiras, as questões culturais aparecem como a principal causa do desinteresse por parte do sexo masculino neste tipo de atividade. É importante destacar, que as aprendizes dominam o processo de produção, diferenciando-se na habilidade e velocidade.

A faixa etária predominante é acima de 50 anos, corresponde a nove (70%) rendeiras. Dentre as quais, pelo menos três (23%) possuem mais de 60 anos, sendo que a rendeira de maior idade tem 72 anos. Entre 30 e 50 anos existem duas (15%) rendeiras e entre 20 e 30 outras duas (15%), sendo estas últimas aprendizes. Com isso, observa-se que a atividade é realizada de forma preponderante por pessoas idosas, sendo esta uma das razões do risco da extinção. Apesar da disponibilidade das artesãs em ensinar a arte da renda, é relatado o desinteresse das adolescentes e mulheres mais jovens em aprender o ofício. O retorno financeiro, o tempo gasto na confecção de cada peça e a desvalorização do trabalho artesanal, vêm sendo apontados como as principais causas do desinteresse de jovens no aprendizado da arte das rendas. Além disso, as rendeiras destacam a existência de leis que impedem o aprendizado do trabalho artesanal para menores de dezesseis anos, sendo que, segundo o relatado, o melhor período para o aprendizado da renda é entre 7 e 8 anos de idade.

As rendeiras são residentes na Vila de Ponta Negra desde o nascimento, com exceção de uma aprendiz que reside na Vila a pouco tempo, demonstrando a identificação com o bairro. Todas são ou já foram casadas, a maioria com 5 filhos, embora algumas tenham mais de 10. Fato relacionado a questões culturais nas quais as mulheres eram criadas para casar e ter filhos.

O aprendizado na renda, para a maioria, iniciou por volta dos 6 a 7 anos de idade, sendo de caráter familiar, atividade que passa de geração em geração. Sendo que, na maioria dos casos, o aprendizado foi repassado pelas avós, visto que as mães não ensinavam ou incentivavam o ofício às filhas com o intuito de obrigá-las a se escolarizar. Devido às dificuldades impostas pela vida, todas as rendeiras possuem baixo nível de escolaridade, apresentando no máximo o 1º grau incompleto. Essas dificuldades eram decorrentes da falta de dinheiro, de transportes e da longa distância entre a vila e as escolas existentes.

A maioria delas, já desempenhou atividades informais na praia como barraqueira. Antes disso, trabalharam na coleta de frutas nativas em Pium e venda no mercado do centro da cidade de Natal, realizando um percurso a pé de, aproximadamente, 15 km.

3.3 Renda - O Produto Final das Rendeiras

Existe uma gama de produtos que podem ser produzidos com renda de bilro. Toalhas e trilhos de mesa, capas de almofadas e colchas são os mais conhecidos. No entanto, com esta arte, podem ser produzidos saias, vestidos, camisetas, xales, roupas para animais domésticos, capas para utensílios domésticos, e tudo mais que a imaginação de um artesão conceber.

De maneira geral, pode-se dizer que cada produto de renda de bilro é uma peça única, exclusiva. Isto acontece, devido à dificuldade de reprodução das peças, pois a maneira como

os bilros são trançados por cada artesão individualmente e em cada momento é muito difícil, se não impossível, de ser reproduzida.

3.4 Organização do Trabalho na Cooperativa

O trabalho na cooperativa ocorre no horário vespertino, das 13:00 às 17:00. É realizado também nas residências em horário variável. Esta flexibilidade é devido à necessidade de conciliação das tarefas domiciliares com as atividades da cooperativa. Atualmente, 7 cooperativadas participam efetivamente do trabalho na cooperativa. As outras se limitam a uma baixa produção em suas casas e a uma participação quando necessário na produção de peças de porte grande, com venda garantida e prazo determinado para conclusão.

As peças são concebidas pelas próprias artesãs, que têm total domínio sobre a concepção e processo produtivo. Sendo assim, cada artesã concebe o produto e o modelo, desenha, escolhe os materiais e cores a serem utilizados e realiza o processo produtivo em sua totalidade. A exceção ocorre nos trabalhos por encomenda, em que o produto é definido pelo cliente. Neste caso, poderá ocorrer a divisão do trabalho entre as artesãs em função do tamanho da peça, quantidade e/ou do prazo de entrega.

Cada uma tem a sua própria almofada, sendo que algumas também possuem almofadas em casa. As linhas e alfinetes são comprados pela cooperativa e podem ser utilizados por qualquer cooperativada, mesmo por aquelas que não participam efetivamente do trabalho na cooperativa, trabalhando nas suas próprias residências. Os materiais de uso comum são estocados na cooperativa e comprados por apenas uma pessoa, a partir da verificação do estoque e da necessidade do grupo. Os demais materiais são individuais, mas podem ser compartilhados em caso de necessidade.

De uma forma geral, as peças são produzidas para estoque e são comercializadas no próprio local ou em feiras de artesanato dentro e fora do estado, que não são frequentes. Algumas iniciativas de divulgação e comercialização via internet, vem sendo utilizadas com a ajuda de um voluntário. No entanto, ainda são insuficientes para manutenção de um trabalho contínuo.

Com a finalidade de valorizar o trabalho e dificultar a ação dos atravessadores, as rendeiras da cooperativa passaram a definir um preço mínimo para as peças produzidas, que também passou a adotado por outras rendeiras da Vila que trabalham de forma independente. Do total de cada peça comercializada, 20% é destinado a reposição dos materiais comuns da cooperativa (linhas e alfinetes) e, os 80% restantes para quem produziu a peça.

3.5 A Produção da Renda de Bilros

Os materiais e ferramentas utilizados para se fazer uma peça são: molde de papelão ou outro material para servir de base (papel paraná), caneta ou lápis, cola ou fita adesiva, almofada feitas de retalho prensado, suportes de madeira para sustentar a almofada, bilros (pequenas hastes de madeira usadas para enrolar a linha e executar o entrelaçado), alfinetes e linha de costura e crochê. Além disso, tesoura e pequenas hastes metálicas, que são utilizadas como suporte para bilros e para a tesoura e servem como fixadores dos moldes na almofada.

O processo produtivo começa na concepção produto e do desenho da renda que originará o molde. Esta etapa pode levar muitos dias, embora este tempo não seja considerado como tempo de trabalho pelas artesãs. Alguns clientes, ao encomendarem as peças, fazem sugestões para os desenhos. Isto é, pode haver uma produção livre, com total liberdade de criação ou uma produção dirigida às exigências dos clientes.

A etapa seguinte é a passagem das idéias para o papel, que na maioria das vezes é realizado pelas artesãs em desenho livre, feito a mão, utilizando-se caneta e papel. (Foto 1) No entanto, recentemente, alguns desenhos estão sendo realizados em microcomputador por um ajudante voluntário que vem aprendendo a arte da renda de bilros com as artesãs. Este auxílio é usado, principalmente, para os desenhos muito grandes, como colchas, ou muito detalhados, resultando em homogeneidade, ou seja, padronização e qualidade dos produtos.

O desenho de um molde, quando feito à mão, consome uma tarde de trabalho. É preciso outra tarde para furar os moldes. Este último passo é necessário, porque o trançado da renda precisa ser marcado e as linhas devem ser presas. Os moldes podem ser reutilizados, isto é, várias peças podem ser feitas com o mesmo molde. Isto não garante peças iguais, apenas parecidas, visto que a ordem da trama nunca é igual, inclusive quando feito pela mesma artesã. Normalmente, estas diferenças são percebidas, apenas pelos conhecedores do ofício.

O passo seguinte é a fixação do desenho numa base mais resistente, chamada de papelão. A fixação pode ser feita com cola ou fita adesiva. Esta etapa não acontece, quando o desenho é feito diretamente sobre a base. Atualmente, o papel paraná é o mais utilizado. Os desenhos feitos no microcomputador não podem ser impressos diretamente no papel paraná. Esta impossibilidade implica numa nova etapa que consiste na passagem do desenho impresso em papel comum para o papel paraná.

Depois de fixado o molde na almofada, começa a produção propriamente dita. Os alfinetes são fixados no papel e os bilros são “enchidos”, ou seja, as linhas são enroladas nos bilros, e ambos são dispostos no molde acompanhando o traçado do desenho. (Fotos 2 e 3) O “enchimento” do bilro com linha varia de acordo com a artesã, em geral são colocados de dois a seis metros de linha por bilro. A maior quantidade de linha por bilro garante menos emendas (nós) nas peças. Estes são arrematados com o auxílio da tesoura. As artesãs procuram esconder estes nós nas tranças da peça que estão produzindo. Tranças são pedaços da peça que apresentam maior densidade de linha por área. Apesar da grande quantidade de bilros, o trançado é feito com a utilização de apenas quatro bilros por vez (Foto 4).

A duração do trançado depende da complexidade do desenho e do tamanho da peça. É nesta fase que foi observada uma grande flexibilidade do trabalho das artesãs. Um, ou mais, trabalhos em andamento podem ser paralisados, com o objetivo de utilizar as almofadas para um novo trabalho. Isso acontece, quando o novo trabalho surge e tem garantia de venda, ou seja, quando se trata de uma encomenda com prazo de entrega. Neste caso, algumas artesãs podem paralisar os trabalhos que estavam realizando e, se concentrar em um único trabalho que passa a ser realizado com o trabalho coletivo de várias artesãs. As peças compostas de várias partes precisam de outra etapa. Elas precisam ser montadas e costuradas manualmente (Foto 5). O processo produtivo termina nesta fase.

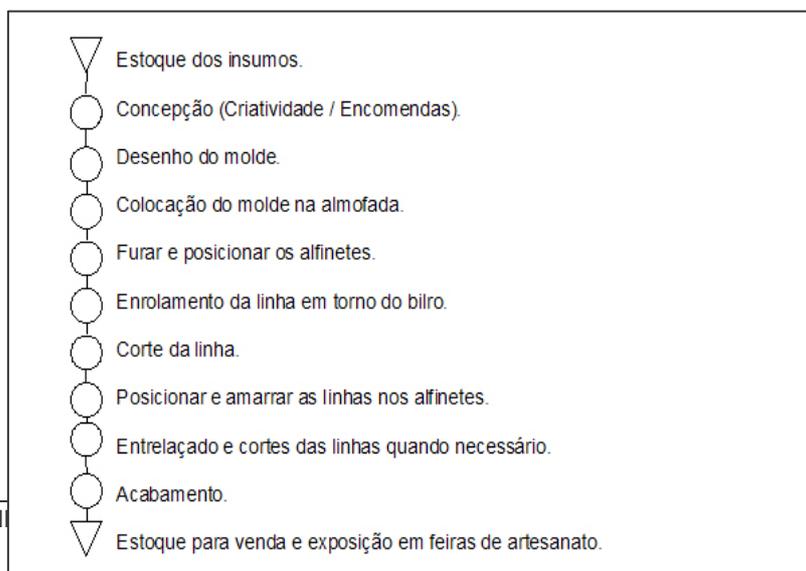




Foto 1: Desenho, furos e colocação do molde



Foto 2: Enrolamento da Linha no Bilro



Foto 3: Posicionamento dos alfinetes e bilros



Foto 4: Trançado da renda de bilro



Foto 5: Montagem e acabamento final



Foto 6: Espaço de trabalho na Cooperativa

3.6 Condições de Trabalho e Vantagens da Criação da Cooperativa

Com a criação da cooperativa houve significativa melhora da qualidade dos produtos e aumento da produtividade, visto que o trabalho passou a ser seqüenciado e constante, visto que se criou uma rotina de trabalho diária. No entanto, na realidade, o trabalho funciona como terapia e forma de lazer para as cooperativadas. A cooperativa é um local onde elas se reúnem para passar as tardes de forma mais agradável. A renda financeira auferida com a venda das peças é de grande valia para as artesãs, mas não parece ser o principal motivo para a realização do trabalho. O prazer em produzir trabalhos de renda de bilro parece ser o

combustível principal das artesãs. Estas questões apontam para um acréscimo na qualidade de vida das pessoas que se relacionam com a cooperativa.

Ao observar o trabalho realizado pelas rendeiras, um aspecto, em especial, nos chama a atenção: a movimentação das mãos da artesã durante a confecção das rendas de bilro. Vista pela ótica da saúde ocupacional a atividade pode ser, com facilidade, comparada com as atividades de maior movimentação manual como, por exemplo, a de entrada de dados em um terminal de computação. Referência dentre as atividades causadoras de Lesões por Efeito Repetitivo – LER-DORT, a entrada de dados em terminal de computação foi a precursora dos estudos e preocupações com esta patologia (doença) que aflige milhares de trabalhadores em todo o mundo. Na gênese da lesão está a alta taxa de repetibilidade dos movimentos manuais. Movimentação excessiva dos dedos em ritmo acelerado. Prudente, a legislação brasileira fixa, em oito mil toques por hora o limite máximo de movimentos de pressão digital sobre o teclado. A manipulação dos bilros na atividade das rendeiras, com folga, ultrapassa o limite estipulado pela legislação. Basta observar a velocidade da passagem de bilros entre as mãos das rendeiras com o acompanhamento preciso dos moldes das rendas. Diferentemente do acionamento de um teclado, onde somente a pressão de um dedo realiza o trabalho, na movimentação de bilros é necessário realizar a pega do bilro. Dois dedos da mão esquerda são usados para agarrar o bilro e transferí-los para os outros dedos da mão. O bilro pego é transferido para outros dedos da mão até que a mão se torne inteiramente preenchida com três, as vezes, até quatro bilros. Neste momento começa a troca de bilros entre mãos até que todos os pontos do traçado tenham sido executados como passos em uma coreografia.

No trabalho realizado pelas rendeiras é esperado um alto índice de adoecimento por LER-DORT. É surpreendente o fato de que, indagadas sobre queixas de dores, as artesãs declaram como mais importantes as dores nas costas, seguramente causadas pela inadequação do assento e da postura. Sim, mas e as queixas e reclamações de dores em mão, braços e ombros? A experiência clínica nos ensina que a magnitude da dor nas lesões por esforços repetitivos é tal que, freqüentemente, leva a incapacidade para o trabalho. É incomum que tais dores não sejam relatadas e lembradas. Exceto quando são inexistentes. Em síntese: mesmo na ocorrência de alta taxa de repetitividade e movimentação das mãos e dedos, as artesãs rendeiras de bilros de Ponta Negra, lograram burlar o modelo clássico que liga a movimentação excessiva dos membros superiores à ocorrência de lesões musculares e tendíneas.

Os novos modelos de interpretação da ocorrência da síndrome LER/DORT (ANACT, 1999) levam em consideração outros fatores determinantes na gênese das lesões como, a organização da produção e organização do trabalho, concepção dos equipamentos e ferramentas, ambiente físico e aspectos relacionados ao contrato de trabalho. Além da movimentação excessiva, alta taxa de repetibilidade de movimentos, esforço e postura, incluem-se, atualmente, fatores psicossociais subjetivos como fatores de risco e causadores e perpetuadores das lesões. Neste modelo, os fatores psicossociais (ansiedade, medo, auto-estima, insatisfação, forma de percepção do trabalho, e.t.c) são tão, ou mais, influentes, do que os fatores biomecânicos tradicionalmente relatados.

Na análise organizacional da atividade das rendeiras podemos perceber, na prática, mecanismos que interferem positivamente no não adoecer das artesãs. A organização do trabalho como forma de atividade artesanal permite o domínio integral do processo. A artesã é dona do saber e centro do processo de produção. Não é um simples apêndice da máquina. Sua importância e domínio do processo elevam sua auto-estima. Sua auto-estima elevada altera positivamente sua sensibilidade individual para o adoecimento. A jornada de trabalho é por

ela determinada e comporta pausas que funcionam como defesas do trabalhador contra o adoecimento decorrente do uso excessivo das mãos. Com o controle do ritmo de trabalho diminui-se a fadiga. O medo decorrente da demissão por insuficiência de produção é substituído pelo compromisso com o trabalho acabado e pronto. A falta de hierarquização rígida minimiza o estresse e as reações neuroendócrinas aproximam-se do estado normal (diminui o estado de tensão e alerta). O trabalho é, portanto, fonte de prazer e crescimento da personalidade e não fonte de insatisfação e ansiedade. São estes, a nosso ver, os fatores presentes na atividade das rendeiras que bloqueiam o aparecimento de lesões osteoarticulares mesmo na presença de esforços repetitivos dos membros superiores.

5. Considerações Finais

Há limitação no número de pessoas envolvidas na atividade e que queiram continuar a desenvolver a arte de renda de bilro. Isso ocorre devido ao baixo volume de vendas e faturamento e pela desvalorização do trabalho artesanal. Além disso, segundo as rendeiras, não existe incentivo do governo a realização de cursos de capacitação gerencial.

É importante que a universidade assuma sua responsabilidade social junto a sociedade, incentivando o trabalho artesanal e o artesanal cooperativo, como uma forma de resgate cultural e da cidadania, promovendo o desenvolvimento sustentável. O engenheiro de produção, também deve assumir seu papel, buscando a conciliação das questões técnicas com questões sociais, mantendo as raízes culturais locais. A aplicação de técnicas da engenharia que contribuam para o desenvolvimento sustentável e melhoria das condições de trabalho e de vida é parte do seu papel na sociedade.

A atividade das rendeiras é um processo complexo. Envolve uma grande quantidade de operações, que exigem elevada capacidade de concentração e conhecimento. Este aspecto é, normalmente ignorado, visto que elas praticam sua arte com tal normalidade que aparentemente os aspectos mencionados são minimizados, tornando-se, praticamente, imperceptíveis para um observador desatento.

O aspecto relacionado aos determinantes do adoecimento ou não adoecimento das rendeiras, deve ser melhor investigado, constituindo-se em um projeto de pesquisa, pois apesar das condições inadequadas de trabalho no que se refere às posturas adotadas no trabalho, aos movimentos repetitivos, às condições ambientais, (principalmente iluminação e temperatura) e, o fator idade, já que a maioria das rendeiras, 70%, tem mais de 50 anos, elas não apresentam queixas de dores significativas. Acredita-se, que outros fatores, relacionados à organização do trabalho e a organização da produção associadas à satisfação no trabalho sejam determinantes nesta questão.

No entanto, não se deve esquecer, que um objetivo maior é conseguido na cooperativa. A integração das pessoas e a oportunidade de passar as tardes, realizando o que mais gostam. Por isto, deve-se reverenciar as artesãs, que no meio de tantas adversidades, encaram a vida com um sorriso contagiante. Esta é a maior lição que se pode tirar.

Referências

- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. (tradução: Nathanael C. Caxeiro). Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1987. 379 p.
- CYBERARTES <<http://www.cyberartes.com.br/indexFramed.asp?pagina=indexAprenda.asp&edicao=140>>. Acesso em 08/05/2006
- GROZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Editora Martins Fontes, 2 ed. São Paulo, 1996.

- MARGLIN, S.. *Origem e função do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões?* In: GROZ, André. *Crítica da Divisão do Trabalho*. Editora Martins Fontes, 2 ed. São Paulo, 1996;
- PORTAL DO COOPERATIVISMO < www.portaldocooperativismo.org.br > . Acesso em 08/05/2006
- CORDULA, Raul. Afinal, o que é artesanato? http://www.cultpopbrasil.org/artigos/raul_cordula/
- SILVA, A.L., GURGEL, A.M., ARAÚJO, E.B.A., SILVA, J.L., DANTAS, S.T.A. *Análise da Organização do trabalho do Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra*. (relatório) DEP, UFRN, Natal-RN 2006
- VIDAL M.C.R., 2003. *Guia para análise ergonômica do trabalho (AET) na empresa: uma metodologia realista, ordenada e sistematizada*. Rio de Janeiro, Editora Virtual Científica.